

## A escrita indígena amazônica: comunicação nativa para pensar questões da atualidade

The amazonian indigenous writing: native communication to think about current issues

La escritura indígena amazónica: comunicación nativa para reflexionar sobre temas de actualidad

Recebido: 15/12/2021 | Revisado: 22/12/2021 | Aceito: 24/12/2021 | Publicado: 05/01/2022

**Renan Albuquerque**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-9938>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: [renanalbuquerque@ufam.edu.br](mailto:renanalbuquerque@ufam.edu.br)

**Fabício Vasconcelos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9919-5642>

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

E-mail: [professorfabriciovasconcelos@gmail.com](mailto:professorfabriciovasconcelos@gmail.com)

### Resumo

A meta foi descrever práticas comunicacionais de escritores indígenas do Instituto Wewa'a, sediado em Manaus/AM, região norte do Brasil, para disseminarem suas obras e seus saberes e conhecimentos ancestrais. No referencial teórico abordados, ressaltamos a identificação de autores e autoras que tratam sobre etnomidialogia e literatura nativa, bem como a quem ela é destinada e como se delimitam os conteúdos produzidos. A pesquisa foi qualitativa e transversal, observando implicações que estejam servindo como conjuntos de estratégias para que o Instituto Wewa'a projete visibilidades no contexto amazônico e nacional. Foram realizadas discussões referentes a formações de parentesco e concepções ancestrais influenciam nessa literatura, que em verdade é uma literatura amazônica, nativa, cosmológica. Nos escritos, debate-se acerca da relevância atribuída a um ser mítico ou vivo, que se acredita ser um “pai/guia”, orientador de uniões clânicas, segue linha que incide na formação da narrativa. Por isso, concluímos que existem vieses informacionais e comunicacionais importantes de serem considerados no contexto da escrita amazônica.

**Palavras-chave:** Práticas comunicacionais; Escritores indígenas; Etnomidialogia; Amazônia.

### Abstract

The aims was to describe the communication practices of indigenous writers from the Wewa'a Institute, headquartered in Manaus/AM, northern region of Brazil, to disseminate their works and their ancestral knowledge and knowledge. In the theoretical framework discussed, we emphasize the identification of authors who deal with ethnomidialogy and native literature, as well as who it is intended for and how the content produced is delimited. The research was qualitative and transversal, observing implications that are serving as sets of strategies for the Wewa'a Institute to project visibilities in the Amazon and national context. Discussions were held regarding kinship formations and ancestral conceptions that influence this literature, which is actually an Amazonian, native, cosmological literature. In the writings, there is debate about the relevance attributed to a mythical or living being, who is believed to be a “father/guide”, guiding clan unions, following a line that focuses on the formation of the narrative. Therefore, we conclude that there are important informational and communicational biases to be considered in the context of Amazonian writing.

**Keywords:** Communication practices; Indigenous writers; Etnomidialogy; Amazonian.

### Resumen

El objetivo fue describir las prácticas comunicativas de escritores indígenas del Instituto Wewa'a, con sede en Manaus/AM, región norte de Brasil, para difundir sus obras y sus saberes y saberes ancestrales. En el marco teórico discutido, destacamos la identificación de autores que se ocupan de la etnomidialogía y la literatura autóctona, así como a quién se dirige y cómo se delimita el contenido producido. La investigación fue cualitativa y transversal, observando implicaciones que están sirviendo como conjuntos de estrategias para que el Instituto Wewa'a proyecte visibilidades en el contexto amazónico y nacional. Se discutieron las formaciones de parentesco y las concepciones ancestrales que influyen en esta literatura, que en realidad es una literatura cosmológica nativa amazónica. En los escritos se debate sobre la relevancia atribuida a un ser mítico o vivo, de quien se cree que es un “padre / guía”, orientador de las uniones de clanes, siguiendo una línea que se centra en la formación de la narrativa. Por tanto, concluimos que existen importantes sesgos informativos y comunicacionales a ser considerados en el contexto de la escritura amazónica.

**Palabras clave:** Prácticas de comunicación; Escritores indígenas; Etnomidialogía; Amazonas.

## 1. Introdução

A contemporaneidade apresenta formas complexas de comunicação que orientam povos amazônicos ambientados em interiores rurais e ribeirinhos do bioma. Essas formas são permeadas por instrumentais que envolvem mudanças, físicas e mentais, as quais se conjunham a modos de vida (Albuquerque & Busarello, 2019; Albuquerque, 2020). Dentre diversas possibilidades de comunicação na Amazônia está a literatura (Oliveira & Batista, 2021), um meio que agrega narrativas fundamentais.

Os termos “mídia e etnia” ou “mídia e diversidade” vem se disseminando nos últimos anos nas sociedades em geral que possuem acesso à literatura e à comunicação, abarcando também questões relacionadas a grupos étnicos em meios comunicacionais. Estudos relacionados a essas temáticas têm sido investigados a partir do conceito filosófico de etnomidialogia, que se caracteriza pela busca de compreensões da comunicação midiática no sentido multi e transmidiático, como sistema integrado e interdisciplinar, em meio a diversidades culturais (Ferreira, 2012).

Dispondo o suposto e exemplificando-o regionalmente, cabe destacar que existem, hoje, atividades de fomento a questões direcionadas à comunicação, arte e literatura na Amazônia. Tais questões são impulsionadas, principalmente, no bioma, por escritores indígenas que fundaram o Instituto de Artistas e Escritores Indígenas Wewa'a, sediado em Manaus, capital do Amazonas. A ação tem como objetivo divulgar publicações desses autores em geral, e sobretudo romances, contos e poesias para os públicos adulto e infantil, discutindo essencialmente temáticas ameríndias.

Esses autores, na maioria das etnias Sateré-Mawé (Baixo Amazonas) e Maraguá (Médio Madeira), tem se preocupado em apresentar para a sociedade não indígena um modo próprio de construir seus escritos, com temáticas tradicionais ancoradas em saberes e fazeres ameríndios pautados por ancestralidades, parentescos, consanguinidades e tradicionalismos históricos (Stengers, 2010, 2011; Strathern, 2013).

Nesse intuito, integrantes do Wewa'a uniram-se para fomentar debates, em primeiro lugar, a partir de sua condição de povo étnico, e também tendo vista problemáticas nativas. Em segundo lugar, consideraram o fato de terem habilidade e aptidão para artes e literatura, descrevendo crenças, atitudes, valores e ideologias relacionadas a saberes locais (Vilaça, 2000). Assim sendo, a preocupação foi explorar e descrever composições comunicacionais dos escritores do Wewa'a, identificando como são construídos vieses dessa literatura, a quem ela é destinada e até que ponto se delimitam angulações de conteúdos dos escritores.

Quanto ao enfoque teórico, foram utilizadas conceitos de etnomidialogia e as práticas comunicacionais implicadas. Buscou-se investigar com orientação para as influências de veículos midiáticos na construção social do Instituto Wewa'a. Assim, primeiramente sobre a etnomidialogia, esta diz respeito a uma cultura comunicacional de abordagem interdisciplinar, tendo como meta apresentar possibilidades de entendimento sobre a comunicação que povos étnicos realizam e a diversidade das matrizes socioculturais engendradas. A perspectiva da etnomidialogia é sedimentar-se como marco teórico afinado a questões étnico-culturais no âmbito da comunicação (Ferreira, 2012).

A etnomidialogia, porquanto, busca entender como vínculos interpessoais e coletivos são moldados a partir de contatos interétnicos e em que medida práticas comunicacionais são estabelecidas pela contemporaneidade entre o nativo e o branco. O entendimento almejou a ampliação de conexões estimuladoras de relações socioculturais entre sociedades no bioma Amazônia (Ferreira, 2015). Sobre a etnomidialogia, vale ressaltar, é um conceito que abrange a atenção a questões midiáticas de povos étnicos, bem como a atenção a narrativas que compreendam esses povos e justifiquem dinâmicas imagéticas e meios comunicacionais utilizados na contemporaneidade.

Ponderando, dessa feita, sobre formas de comunicação entre os grupos étnicos Sateré-Mawé e Maraguá via etnomidialogia, é considerável enfatizar que as etnias buscam horizontes para expor saberes e fazeres no intuito de apresentar sua história e mostrar realidades factuais em meio à Era da Informação (Ferreira, 2012; Albuquerque, R. et al., 2021).

Nessa perspectiva, o Instituto Wewa'a dialoga e se serve de pressupostos da etnomidialogia tendo em vista o fato de

utilizar mídias diversas para divulgar ações e atividades pautadas em questões socioculturais. As redes sociais (facebook, twitter, instagram, whatsapp) são as principais ferramentas para produzir percepções e concepções sobre o Wewa'a, bem como divulgar propriedades e modos singulares de seus membros. A construção etnomidialógica dos membros do Instituto aborda significados sobre a inserção de grupos indígenas na mídia e a forma como utilizam os meios para se promover (Ferreira, 2015).

Partindo do suposto da etnomidialogia, pretendeu-se entender a mídia não como viés estático ou meramente informativo, mas como meio para se representar fenômenos socioculturais que buscam inferir sobre conceitos e construções acerca de novos paradigmas relacionados a sociedades étnicas e mídias. Destituindo as representações estereotipadas dessas etnias como “grupos minorizados”, a ação etnomidialógica busca redefinir terminologias associadas a membros do Wewa'a e demais coletivos de etnias em cooperação, quais sejam: Sateré-Mawé, Munduruku, Mura e Ticuna (Sawaia et al., 2020).

Quanto às práticas comunicacionais delimitadas em sequência, estas podem ser compreendidas como ações interativas de vertente ampla, interpostas para lapidar e valorizar vínculos étnicos na contemporaneidade midiática. Práticas comunicacionais, assim sendo, são exatamente ferramentas usadas para difundir pontos epistemológicos sobre atividades e produções étnicas (Souza et al., 2019). Essas ferramentas consolidam diálogos democráticos referentes a grupos nativos e fortalecem compreensões da etnomidialogia, corroborando para a construção de aspectos socioculturais baseados na ressignificação de saberes e fazeres. Dentro desse âmbito, o Instituto Wewa'a tem adotado medidas diretivas para realizar suas atividades, as quais estão envolvidas com a arte literária, visto que práticas comunicacionais estão presentes em todos os segmentos sociais, conectadas a diversos públicos a que o Instituto enseja abordar para divulgar e tornar visualizadas suas produções (Souza et al., 2019b).

A literatura indígena do Wewa'a, inserida no mundo global com parâmetros tradicionais, estreita-se principalmente com o público infante-juvenil, que é exaurido pelas novas tecnologias apresentadas de forma atrativa e eficiente. Para esse público, as práticas comunicacionais de origem tradicional devem ser realizadas de maneira modificada, ou seja, com o uso de diferentes formas de comunicação contemporânea, observando-se as mais adequadas às novas tendências. Desse modo, tem-se que a esfera comunicacional moderna oferece uma dinâmica tecnológica para se melhor abordar a democratização da literatura indígena, agregando recursos para se disponibilizar produções do Instituto, chamando atenção dos leitores e leitoras.

Nesse contexto, unificam-se duas vertentes: a comunicação e a literatura, que congregadas a práticas comunicacionais modernas, da vida e da morte, no âmbito da comunicação de massa, formam eixos de desenvolvimento para a arte e a literatura indígena. Foi nesse sentido que se encaminhou o diálogo do artigo em tela.

## 2. Metodologia

A pesquisa é qualitativa, via abordagem transversal, observando práticas comunicacionais e implicações dessas práticas que estejam servindo como conjuntos de estratégias para que o Instituto Wewa'a projete visibilidades no contexto amazônico (Almeida, 2008; Becker, 2008; Carvalho Júnior, 2011).

O Instituto Wewa'a é uma associação sem fins lucrativos ou vinculação político-partidário, que objetiva valorizar a história e a cultura indígena por meio de pesquisas e estudos sobre a temática das sociedades das Terras Baixas da América do Sul. Disponibiliza resultados de trabalho ao público por meio da literatura, promovendo a defesa de direitos sociais e coletivos em relação à produção literária étnica, ao patrimônio cultural e a direitos humanos de indígenas.

O Instituto foi fundado dia 21 de dezembro de 2014 por Elias Yaguakãg e Yaguarê Yamã, filhos da etnia Maraguá/AM, concretizando perspectivas para fortalecer sua sociocultura e a de diversas outras etnias que formam aldeamentos na Amazônia. O Instituto é composto por autores de diversos povos indígenas e pretende acolher todos(as) os(as) representantes étnicos interessados(as) em arte, literatura e comunicação.

Fundadores do Instituto pretendem consolidar “polos literários” que unifiquem temáticas nativas à Amazônia, não se restrinjam a questões naturalísticas e remetam a projeções de agrupamentos tradicionais ou não tradicionais do bioma. Nesse contexto, o uso de veículos de comunicação auxilia na conexão entre autores que fomentam conhecimentos amplos, tornando esses conhecimentos essenciais para estudos da realidade apresentadas em forma de arte literária pelo Instituto.

A temática em questão preocupa-se em ponderar estratégias comunicacionais utilizadas pelo Instituto Wewa’a para apresentar povos indígenas no cenário midiático e literário, observando em que medida é possível de se adotarem meios para a construção de uma etnomidialogia que os represente na condição de ameríndios — haja vista que tais povos enfrentam dificuldades para ter um cyberspaço totalmente inclinado a desenvolver suas atividades e disseminar saberes étnicos para edificar seu legado cultural.

Ao dialogar com o termo etnomidialogia, a pessoa indígena se insere na conjuntura de formas representativas da mídia e práticas comunicacionais tornam-se instrumentos de democratização de informação e estabelecimento de interações com outrem. A intenção de se investigar o modo como o Wewa’a faz uso de práticas para se consolidar enquanto entidade representativa indígena e apresentar atividades em horizontes nacionais, e quiçá internacionais, foi o mote da pesquisa.

Foram escolhidas duas obras do Instituto Wewa’a: *Maraguápéyára*, de Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg, Uziel Guaynê e Roni Wasiry Guará; e *Tykuã e a origem da anunciação*, de Elias Yaguakãg. Foram utilizadas entrevistas via rede social e houve abordagem pessoal com autores e fundadores do Instituto, na qual se fez uso de gravações de mídia e diários de campo.

Para análise de obras e inferências no contexto proposto, foram feitas entrevistas e leituras de artigos com conteúdo que remetesse à ideia de correlação entre “mídia” e “etnia”, sendo feita separação das unidades temáticas usando-se técnicas de interpretação para análise qualitativa.

No que tange a procedimentos de análise, foram feitas descrições referentes a: i) apresentação do indígena em face ao contexto social amazônico segundo o Instituto Wewa’a (para a obra *Maraguápéyára*), ii) construção de mundo a partir do Instituto Wewa’a (para a obra *Tykuã e a origem da anunciação*); iii) comunicação utilizada por indígenas do Instituto Wewa’a para se inserir no contexto social urbano e iv) inserção de indígenas do Instituto Wewa’a no meio midiático (para ambas as obras).

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Debate sociohistórico: sobre o indígena em face ao contexto social amazônico segundo o Instituto Wewa'a

A literatura indígena é marcada pela arte, história e comunicação de povos que buscam reconhecimento social na contemporaneidade, partindo de espaço próprio para fortalecimento identitário por meio da etnomidialogia, fazendo dessa estratégia atividade essencial para alcançar metas em geral — dentre elas, o reconhecimento literário —, visto que a mídia não costuma democratizar e nem agregar valor comunicacional a trabalho de escritores indígenas amazônicos. No entanto, esses povos têm se utilizado de habilidades criativas para se inserir em meios restritos (da mídia), de forma interativa e lúdica, apresentando contextos sociais amazônicos pautados em modos de vida e saberes étnicos.

A literatura indígena, historicamente, é um desafio para esses povos, pois mostrar para o mundo sua história por meio de contos, novelas, romances e poesias etc., sem haver o apoio midiático, desde sempre foi improvável. Porém, essas pessoas, contadoras de história, como são conhecidas por usarem a oralidade na transmissão de conhecimentos, uniram-se para fomentar reflexões sobre a pessoa indígena. O Instituto Wewa’a nasce, assim, e reúne hoje obras escritas que apresentam tais narrativas, mostrando identidades por meio da literatura e credenciando autores a continuarem seus feitos no intento do desenvolvimento de relações na sociedade contemporânea.

Escritores nativos do presente se apegam a elementos de tradição e ancestralidade para tecer rumos de uma velha e, ao

mesmo tempo, nova história, a qual busca recompor caracterizações memoriais em função de oralidades integradas a cosmologias, inerentes à identidade, para se contraporem a modelos interpretativos de caráter racista, ocidental e higienista. Esse parece ser mote de orientação da linha central de atividades do Instituto Wewa'a.

Primeiramente, pode-se dizer que é uma linha editorial distante do que geralmente se nota nos meios de comunicação de massa, como rádio, televisão e jornais impressos, além de redes sociais e canais de produção de conteúdo por podcast e vídeo. Estes são pautados por contingências normativas, sendo que ações alternativas de educação e letramento, como é o caso do Instituto Wewa'a, ocupam pouco espaço no conjunto de notícias veiculadas pela mídia dominante. Porém, são meios que jamais perderam seus públicos ou deixaram de existir por fomentarem debates nem tanto afeitos às letras e à educação, a não ser via programas segmentados.

É uma estratégia de mídia, no entanto, que tem se reconformado por meio de novas tecnologias, capazes de auferir inserções e interações em nível de comunicação de massa. Por exemplo, até o ano de 1995 pessoas escreviam sobre povos indígenas sem a autoafirmação. Ou seja, eram autores crentes de sua indianidade, que contavam narrativas sobre povos indígenas, mas nem sempre se autodeclaravam indígenas. Um contrassenso. Na época, ainda não havia coletivos interconectados de escritores indígenas independentes. Apenas iniciativas isoladas. Porém, anos depois, um trio de indígenas natos apresentou obras de sua própria autoria e com esse marco a literatura indígena surgiu com uma nova visão e um novo significado, na Amazônia.

De 1995 até hoje, houve fortalecimento da visibilidade de escritores indígenas no mercado editorial amazônico. Seja por questões financeiras, como o melhor preço para edições populares de livros, ou quanto pela procura coletiva ou isolada de leitores em busca de obras desse porte, nas quais autores indígenas têm se apoiado em condições técnicas e materiais para se comunicar. Entretanto, a realidade das décadas passadas não era favorável para inserir a literatura indígena no mercado editorial e não havia condições de produção para o fortalecimento da escrita étnica desses povos e do diálogo intercultural proposto. Hoje, porém, é bem diferente.

Com a criação do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (Nearin), a literatura nativa oriunda de textos de autores do Baixo Amazonas começou a ser fortificada pela união de indígenas independentes, que visavam apresentar trabalhos em forma de arte literária a povos indígenas e não-indígenas. A partir disso, começam a ser criados institutos como a Casa dos Saberes Ancestrais (Instituto UKA), fundada e atualmente presidida por um indígena, Daniel Munduruku, com objetivo de expandir e relacionar a questão étnica com o meio social urbano de grandes cidades, utilizando a literatura como principal atividade de interligação.

O Instituto Wewa'a, atualmente coordenado e presidido respectivamente pelos indígenas Ely Macuxi e Yaguarê Yamã, foi idealizado em 2010, com a iniciativa de se criar o primeiro instituto de autores independentes na Amazônia e fortificar a autoria ameríndia, presentificada no âmbito contemporâneo, com a proposta de se retratarem realidades factuais. No presente, autores são oriundos do complexo amazônico de diversas regiões. O Wewa'a, até onde se pode verificar, dispõe de 46 obras de conteúdo infantil e adulto, escritas por 13 autores que fomentam saberes culturais amazônicos.

Partindo desse contexto, infere-se que há tendências marcantes no campo da informação literária de viés nativo, as quais funcionam como meio para a geração de conhecimentos para a sociedade urbana a partir de experiências imemoriais de indígenas brasileiros, implicando, assim, na construção e reconstrução de saberes e fazeres por interposto de novas tecnologias implicadas na comunicação e na literatura. E para se almejar a compreensão dessas tendências, tomou-se a contento a etnomídia, a qual buscou interpretar, dentre demais questões, em que medida povos étnicos propagandeiam e publicizam seus escritos e criações literárias.

Essa esfera comunicacional, a etnomídia, abrange a arte literária de escritores indígenas por meio de suas obras, oferecendo uma dinâmica tecnológica para a melhor composição das narrativas, agregando recursos para disponibilizar

informações e divulgar atividades para leitores e interessados. Nesse contexto, unificam-se duas vertentes: a comunicação instantânea, por meio do marketing e de peças publicitárias; e a literatura, que congrega práticas comunicacionais formadoras de eixos de desenvolvimento para a cultura indígena.

Por meio dessa comunicação, afiliam-se formas tecnológicas de interação utilizadas pelos grupos étnicos, os quais usufruem disso para se conectarem em tempo real. Tais tecnologias intervêm diretamente e indiretamente no cotidiano desses grupos, levando até eles possibilidades de comunicação para a absoluta inter-relação das populações. Por meio da literatura, na qual se encontram livros para os públicos infanto-juvenil e adultos, editados por escritores indígenas, subsiste a identidade étnica a exemplificar questões amazônicas.

### **3.2 A literatura do Wewa'a: sobre a construção de mundo no *Maraguápéyára***

O Instituto Wewa'a, entre suas ações etnomidialógicas de democratização do saber tradicional para o grande público via literatura, procura dar visibilidade a relações familiares e de parentesco existentes na etnia Maraguá. A relação entre grupos apresentada no livro *Maraguápéyára*, por exemplo, organizado por Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg, Uziel Guaynê e Roni Wasiry Guará, aponta estruturas clânicas em sua divisão de parentesco, no que se denota a importância da organização de parcerias consanguíneas, como também de laços simbólicos por afinidade. O Instituto se interessou, a partir do livro, em expor detalhes sobre a sistemática da hierarquia dos Maraguá e a forma como se congregam e correlacionam segundo peculiaridades intrínsecas.

As estruturas clânicas são formadas por posições familiares, a partir das quais é escolhido um tuxaua, autoridade máxima de aldeia, velho que possui sabedoria empírica, prestígio e liderança, e que se orienta por direitos, poderes e funções de governo e administração ante seu clã e os demais. Desde que é eleito, um tuxaua só perde o cargo por falecimento e posteriormente o filho mais velho assumirá a função, mantendo a linhagem da atividade. Consequentemente, clãs são formações caracterizadas por estruturas familiares a partir da transferência de uma doutrina geracional. Um clã pode possuir até cerca de 7 mil membros e cada clã faz referência a animal detentor de correlação perspectivista (Viveiros de Castro, 1993; 2002).

Alguns clãs podem ser compostos apenas por homens, outros por mulheres, e outros têm marcação independente do sexo. Normalmente não há migração de membros de um clã para o outro. No que se fundamenta sobre as conformações de clãs, a literatura pautada pelo Instituto Wewa'a demonstra forte relação entre membros de clãs e símbolos que os representam, haja vista que tais símbolos moldam afinidades territoriais ou afinidades de personalidade. Características clânicas diferem em sua organização social indígena. Cada clã tem seu fundador, um patriarca com marco na história da etnia por sua contribuição ao povo, por seu legado perpassado a gerações futuras, fortalecendo a tradição compartilhada entre integrantes.

Os quatro maiores clãs Maraguá (de um total de seis grandes clãs da etnia) são: Aripunãguá, Çukuyêguá, Piraguáguá e Piragêguá. O Instituto Wewa'a, em suas obras literárias indígenas, interessa-se ainda em esclarecer a forma como grupos étnicos Maraguá se situam e são organizados, dando importância ao marco de criação de clãs e à construção de mundo da pessoa indígena por meio de pertencimento e regência em função de ancestralidades amazônicas.

Note-se o que segue:

i) Clã Aripunãguá: fundado pelo patriarca do povo Maraguá, Evaristo Aripunã, e tem como símbolo regente a tapiú, espécie de vespa das mais temidas. O inseto mede de 30mm a 50mm, sendo a maior das vespas conhecidas na Amazônia. Ela constrói ninho em árvores ocas com favos fechados por paredes amarelas. Aripunã é seu nome em Maraguá. Esse é um clã dos mais antigos existentes, sendo composto por várias famílias que se localizam no rio Abacaxis.

ii) Clã Çukuyêguá: é um dos maiores Maraguá e o nome se dá em homenagem ao seu marcador de animalidade, a

cobra çukuriju, do original çukuyuwê (abraço). Faz referência à força e agilidade da çukuriju, que captura suas presas e as asfixia. O tuxaua fundador desse clã é Amadeu Pemeřõg.

iii) Clã Piraguáguá: é o clã do boto, significa “gente do boto-vermelho”, e sua fundação está ligada a Manuel Piraguá, que no fim do século XIX retornou com seu grupo ao rio Abacaxis, passando pelo rio Curupira. Outro líder é o profeta Manuel da Silva Reis, que gerou também a fundação do “reino da paz”, em 1950, no antigo território Maraguá. O atual tuxaua é Messias Mukáwa, que recentemente recebeu o título do pai, Belmiro Piraguá.

iv) Clã Piragêguá: é o único a permanecer no rio Abacaxis após o aldeamento e a expulsão do povo. Seus membros são os mais antigos moradores da região. Piragêguá significa “gente do poraquê”. A maioria vive na aldeia de Kāwéra e seu atual tuxaua é Nemésio Kaçaçára.

Contextualizando o proposto, no âmbito da construção de mundo a partir de obras do Instituto, enfatiza-se a questão da ancestralidade, a qual é aspecto sagrado de narrativas místicas do Wewa'a, tendo em vista a importância concedida à forma estrutural familiar dos povos indígenas, em especial do povo Maraguá. Quando se remete à ascendência de clãs, busca-se compreender como surgiram traços marcantes na identidade dos clãs em função da origem de seus nomes, de rituais de oferendas, costumes, crenças, preservação de corpo, de alma e das simbologias de ligação a criaturas que regem humanos.

Observa-se que guerreiros de clãs adotam modos de vida segundo sua ancestralidade, tendo como modelo a regência, com objetivo de alcançar a divindade como de seu “pai/guia”, como são chamados os seres ancestrais pelos seus descendentes, que são denominados de “seus filhos”. Além de seus membros, tudo o que faz parte do clã também é considerado um “filho” da divindade, como instrumentos sagrados usados em rituais e seres anímicos, de gentes-bicho. Considera-se que para ser “filho” de uma divindade não precisa ter carne ou sangue. Basta que tenha uma alma de acordo com as concepções indígenas, ou seja, anímica, pois para eles, além de pessoas e animais, seres faunísticos e florísticos também possuem vida.

### 3.3 Livro *Tykuã e a origem da anunciação*

Na literatura dos membros do Instituto Wewa'a, Elias Yaguakãg produziu a obra infanto-juvenil *Tykuã e a origem da anunciação* a partir de histórias contadas pelo avô. O livro ressalta aspectos relacionados à cosmologia, construção da pessoa indígena, sobre vertentes de bem e mal cosmológicas e regência de ameríndios por criaturas amazônicas, as quais são percebidas como seres antropomórficos em mitos indígenas.

A crença cosmológica é um aspecto orientador do modo de vida indígena, visto que é por meio de constelações de valores nativos que a pessoa étnica se estrutura no seu meio e no mundo, a partir da base de um ou mais seres superiores que inferem na constituição das sociedades indígenas em função de um parente-bicho comum, oriundo de parentesco com estrutura clânica de um totem animal. Essa crença se perpetua entre gerações, donde se transmitem entendimentos de que existem pontos de vista diferentes, de gente e de bicho, associando funções anímicas. Inerente a isso, acredita-se que indígenas Maraguá, ao nascerem, são orientados a praticarem atos ou ações afeitos a dons recebidos de modo inato pelo “pai/guia”, ou seja, pelo ser superior que o rege.

No livro de Elias Yaguakãg conta-se a história de uma criança indígena que recebeu o dom da adivinhação. Com esse poder, ela ajudava a todos os que precisavam de orientações relacionadas à vida, a amores e a trabalho. Assim, a criança se tornou preciosa e iluminada para a etnia. Porém, a sua bondade causou inveja a outros indígenas de idade similar da aldeia, assim como a pais. No livro citado, até mesmo Anhãgá, o grande senhor da maldade, sentiu inveja do menino Tykuã pelo seu dom e por seus feitos, usando-se de poderes ocultos para tentar tirar a vida da criança.

A narrativa indígena apresenta a correlação da vida real com o plano cosmológico de seres metafísicos, que na concepção indígena é algo natural. Para eles, é como se fosse uma continuação da vida. Segundo as histórias indígenas, é como

se eles estivessem preparando reencarnações em plano extrafísicos, organizando-se para quando fosse a hora de serem chamados pelos seus pais/guias. Notou-se, portanto, que seres sobrenaturais fazem parte de uma existência constituída por elementos comuns e naturalizados. Destarte, impressiona o livro porque é mostrado que o mito é uma forma de ver o mundo, de explicar os fatos e a origem de tudo. Tanto que povos ameríndios possuem uma lógica própria de compreensão da existência.

A compreensão dos povos indígenas, retratada por meio da literatura pelo Instituto Wewa'a, se dá a partir do fornecimento de coesão simbólica à percepção de indivíduos, entendidos como partes de um corpo social total, reforçando sua identidade étnica. Incorporando-se a humanos a partir de sua condição de gente, a natureza revela-se como casa, elemento protetor, complementariedade, e os animais são perseverantes espelhos da realidade do outro, como espiritualidades do bem e do mal representadas. Há ainda representações de espaços e pessoas, a partir das quais se moldam terra, água, céu e fogo, enquanto planos de mundo delimitados como quatro divisões valorizadas pela etnia Maraguá, por meio de suas histórias e formas de representação da sociedade local. Destaca-se que a etnia se apega a esses elementos para produzir seus sentidos, como os autores do Instituto Wewa'a demonstram em suas obras.

Com efeito, é possível afirmar que a produção literária indígena possui uma identidade repleta de valores e ideologias que apontam para uma representação fiel dos ameríndios. Portanto, entende-se que fomentar narrativas vigentes que reflitam sobre valores indígenas é uma forma de preservar elementos de cunho ancestral que fortalecem relações entre as sociedades. Características identitárias da escrita de autores indígenas constroem um advento literário próprio, ressignificando a imagem dos nativos ante sua etnomidialogia, criando seu próprio espaço no meio midiático segundo sua identidade, em que se viabiliza a importância do cenário amazônico indígena incutido nas representações literárias.

Tykuã é referência da literatura infantil do Instituto Wewa'a, que faz aposta em contos atrativos para o público infantil, tendo em vista estratégias que chamam atenção a partir de proposições sobre bem e mal e dilemas aventureiros (do tipo capa-espada), seguindo indicativos relacionados à figura de uma criança, a qual remete a sentimentos como amabilidade e afetividade materna, agregando valores com tons relacionados à coragem e determinação, a exemplo de quando, na narrativa, Tykuã mostra força no enfrentamento a Anhãgá (senhor da maldade).

Essas características são usadas como estratégias literárias para que o público leitor possa “viver” a história contada, sentir-se como personagem, tornando o livro atrativo e de fácil aceitação no mercado editorial. A literatura voltada ao público infanto-juvenil, nesse sentido, reconstrói a antiga história da personagem guerreira, indígena, atribuindo-lhe traços de afeição não somente em lutas e guerras em ambientes ameríndios, mas também no cenário de peculiaridades que envolvam etnicidades e despertem emoção em leitores, sempre com narrações de aventura, ação e vitória.

A etnomidialogia que se presentifica nesse gênero literário, portanto, representa a pessoa indígena no início de sua vida, o curumim, que nasce com determinações de guerreiro, sendo o menino Tykuã a personagem que usa o seu dom para ajudar a todos. A representação indígena, dessa forma, expõe a pureza do coração (afeto) de uma criança Maraguá, o que mostra a reformulação de terminologias usadas pela mídia em relação à imagem da pessoa étnica que se tem por meio de veículos de comunicação. A massificação midiática do indígena, em resumo, que contrasta com as estratégias etnomidialógicas do Instituto Wewa'a, é questionada. A história analisada em Tykuã exemplifica dilemas debatidos na sociedade contemporânea, conformando expressões e saberes usados de maneira positiva, buscando reconhecimento cultural e igualdade social.

### **3.4 Comunicação de indígenas do Instituto Wewa'a para se inserir no contexto social urbano**

Formas de comunicação utilizadas por escritores do Instituto Wewa'a geram perspectivas acerca da realidade amazônica a partir da literatura. A comunicação, no sentido da transmissão de dados via informações, é fator sem o qual



peças talvez fossem capazes de conviver coletivamente e, portanto, ser e agir em sociedade, pois o ser humano a todo o momento constrói mecanismos pelos quais intercambia processos, ideias, sentimentos e dados sobre seu universo contemporâneo (Albuquerque et al., 2020b).

Nesse complexo comunicacional, a cultura é compartilhada, mobilizam-se ações e pontos de vista diferentes, os quais favorecem o mútuo reconhecimento de culturas diversas. Isso significa que plataformas de comunicação, como rede sociais, jornais em massa, literatura etc., podem mudar relações de pessoas com o mundo, visto que conhecimentos compartilhados se firmam como fonte de pesquisa e documentação, isso porque algumas informações não existem mais sem o uso de determinadas tecnologias em contextos narrativos (Dijk, 2005). Por meio dessa perspectiva, a informação e a mensagem passam a ser tomadas não como objeto, mas enquanto forma de interação ativista entre leitor e escritor. Via concepções desse tipo, a comunicação pode, além de transformar conceituações, transferir conhecimentos que se estendem até o reconhecimento de povos indígenas, por exemplo, para serem inseridos de maneira ampla na sociedade contemporânea (Sateré & Albuquerque, 2020; Sateré, 2020; Sateré et al., 2020).

Hoje, representações sobre socioculturas ameríndias, criadas a modo próprio, mostram que grupos indígenas mantêm altos significados com seus modos de existir e somente dessa maneira eles podem ser caracterizados segundo sua originalidade e identidade, as quais são perspectivas existentes no meio étnico. Assim, as etnias reconfiguram suas relações com o mundo e essas relações vindas de suas próprias representações mentais são construídas e não atribuídas por outros grupos da sociedade brasileira.

A valorização da cultura dos povos indígenas, dentro do contexto da avaliação por suporte da etnomidialogia, dá-se a partir do momento em que se compreende o nativo com direitos e deveres, assim como povos de demais sociedades brasileiras que contribuem para a diversidade do país. Dessa feita, se identidade tem a ver diretamente com processos históricos e sociais, então não existe uma característica de indianidade definidora, mas sim uma complexidade indígena implicada de costumes, políticas sociais, religiosas, cosmologias e outras.

Partindo-se do disposto, um dos principais autores do Instituto Wewa'a, Yaguarê Yamã, pondera sobre a importância dos meios de comunicação e afirma que a evolução dos meios comunicacionais tem sido acompanhada de forma significativa e impactante no cotidiano, sendo que grupos passaram a ajudar uns aos outros a se inserirem e estarem atualizados.

Hoje é difícil viver sem os meios de comunicação, apesar de que para nós, indígenas, era muito comum viver sem qualquer aparelho que tivesse funções tecnológicas para se comunicar. A nossa comunicação sempre foi simples. Usávamos somente o dom que nos foi dado ao nascer, a fala. Porém, hoje, depois de um processo de adaptação, nós utilizamos esses meios em nosso favor, e tiramos todo o proveito que essas tecnologias nos oferecem. Antigamente eu não dava tanta importância para isso, mas hoje para mim é fundamental, principalmente para mostrar às pessoas o nosso trabalho, o que temos de melhor. Assim, eu considero importante que as pessoas conheçam essa nossa cultura que é de todos (Yaguarê Yamã, entrevista de campo, 2021).

Os sentidos da fala de Yaguarê apontam a relevância que possuem os meios de comunicação para a manutenção e democratização de saberes indígena ante a sociedade não indígena, considerando que nos dias atuais é impossível não fazer uso de novas tecnologias comunicacionais para divulgar conhecimentos, destacando que grupos étnicos se adaptaram a novas tecnologias e as usam em favor de atividades significativas, principalmente para disseminar informações sobre modos de vida, cultura e organização clânica (Rodrigues et al., 2016).

Ele afirma que narrativas sempre foram, para os povos indígenas, os principais meios de comunicação e que, até sair em missões católicas e voltar para sua aldeia, seu povo não considerava tão importante os meios de comunicação. Porém, hoje avalia o conjunto de ferramentas existentes e capazes de unificar elos e instrumentalizar potencialidades em amplas situações. A facilidade de acesso a meios de comunicação corrobora para a evolução tanto pessoal quanto coletiva de grupos étnicos. Por

meio das possibilidades, como aponta Yaguarê, o conhecimento pode ser disseminado de maneira global, contribuindo para o desenvolvimento.

Diversos meios de comunicação, atualmente, são de baixo custo e podem ser elencados como ferramentas para a divulgação de saberes indígenas. E nessa busca por criar modos próprios que possam dispor da liberdade de divulgação e propagação de produções, membros do Wewa'a utilizam-se da escrita e das possibilidades de publicização para fortalecer a literatura nativa e seus grafismos, reconfigurando possibilidades de inserção no meio não indígena. De acordo com o presidente e autor indígena do Instituto Wewa'a, Eli Macuxi, apesar de certa censura há tempos imposta a grupos indígenas pela mídia, a literatura produzida pelo Wewa'a é uma conquista de poder e liberdade.

Eli avalia meios de comunicação como essenciais para a sociabilização de etnias.

Por muito tempo a nossa voz foi oprimida, mas a nossa união foi mais forte. Ainda não posso dizer que chegamos onde queremos, mas já derrubamos muitas barreiras, hoje eu não tenho mais medo da mídia eu entendi que quem faz a mídia somos nós. O Instituto Wewa'a é uma vitória, lutamos muito para chegar até aqui e ainda vamos lutar mais, a comunicação dos brancos sempre foi diferente da nossa, mas hoje a minha visão é de independência, tanto na comunicação quanto na mídia. A comunicação já me fez conhecer lugares, conhecer pessoas, conhecer culturas, sem a comunicação não somos nada. Um ser que não comunica hoje não vive, todos os seres se comunicam, até aqueles que não podemos ver que são considerados inexistentes, a comunicação está em tudo (Eli Macuxi, entrevista de campo, 2021).

Eli destaca que, por meio da comunicação, podem ser alcançados universos infinitos. Para ele, existir e trabalhar para a consolidação do Instituto Wewa'a é um desafio, tendo em vista que é por meio da ação literária que indígenas podem se apresentar em novos contextos. Eli Macuxi relatou sobre a pesada censura vivida até a década de 1980, quando a visão do nativo pela mídia era impositiva. Para ele, com os avanços tecnológicos, grupos encontraram possibilidades de mudança. Partindo desse cenário, no presente se sente independente para poder divulgar trabalhos e democratizar saberes. Portanto, em relação à comunicação pelo Wewa'a, em suma projeta-se que os principais meios atualmente tendem a ser as redes sociais (facebook, twitter, instagram e whatsapp), além de blogs voltados para questões amazônicas.

As redes sociais são o mais democrático meio para divulgar atividades do Instituto, publicar sobre seu acervo de, mostrar sinopses de livros que interessem ao público e colocar em disponibilidade de venda. Elas permitem que membros do Wewa'a popularizem seus saberes, inserindo no mercado editorial produções e atraindo seguidores pelas redes sociais. Juntamente com essa perspectiva, existem blogs criados para desenvolver temáticas ameríndias, em especial um blog que divulga produções literárias, oriundo do autor Yaguarê Yamã (<http://yaguareh.blogspot.com.br/>).

### **3.5 O Wewa'a no meio midiático**

O Instituto Wewa'a se preocupa em transmitir, por meio de obras divulgadas em formato de livro infantil, infanto-juvenil e adultos, a realidade fidedigna da sociocultura ameríndia brasileira, recuperando memórias indígenas de etnias para formar fundamentações que exemplifiquem realidades factuais e históricas. A proposta se justifica na medida em que a perspectiva indígena, hoje, ainda tem sido ancorada em boa parte por viés mercadológico, folclorista e exótico, sendo conformados espetáculos que descaracterizam os ameríndios. Com esse objetivo, integrantes do Wewa'a desobrigam-se de seguir lógicas do mercado editorial, visto necessitarem de leitores que reflitam sobre povos amazônicos a partir de categorias ancestrais, apresentando-se não apenas como membros de um bioma (a Amazônia), mas inseridos na sociedade contemporânea. A inserção dá-se via etnomidialogia e tem gerado impactos positivos em ambos os meios, tanto o étnico quanto o urbano.

A literatura indígena produzida a modo próprio, outrossim, é o diferencial do Instituto Wewa'a. Seus membros visam a que narrativas gerem impactos em leitores e que esses possam reconhecer e identificar socioculturas indígenas com base

epistemológica própria. A etnomidialogia socializa e conjumina meios étnicos e midiáticos para que existam correlações na mesma proporção entre povos indígenas e veículos de comunicação, evidenciando práticas dialógicas e gerando efeitos sobre a sociedade geral. Esses efeitos seriam aumentados a partir de concepções autênticas, vinculadas a terminologias ancestrais. Impactos gerados com a repercussão de trabalhos de indígenas, mesmo de forma indireta na mídia, conseguiriam romper ideologias construídas por força da colonização e reproduzidas por meios de comunicação, expondo contextos indígenas de forma legítima e causando impressões positivas a respeito da imagem dos nativos.

Essa é uma pressuposição que vem sendo reconfigurada por meio de obras literárias construídas por pessoas do Instituto Wewa'a interessadas não somente na publicação e divulgação de escritos, mas sim na interpretação de receptores em razão do conteúdo literário produzido. Textos do Wewa'a estão pautados em apresentar narrativas conjunturais e não apenas histórias que envolvam elementos míticos, fazendo com que se reflita sobre a indianidade enquanto representação sociocultural brasileira. Dentro do próprio Instituto se discute, via comunicações interculturais, como a sociedade está sendo impactada com a inserção de componentes étnicos em espaços não indígenas. E também se busca analisar como indígenas estão se adequando a essa nova sociedade sem perder essências formativas.

Concernente à reflexão, membros do Instituto Wewa'a tem se atentado em produzir narrativas que expressem coletivos em sua totalidade, que defendam ações de interesse ameríndio em contraposição à boa parte da literatura expressa por autores não indígenas, que pouco trazem vertentes identitárias, muitas vezes exaltando o folclorismo ou o exotismo espetacularizado, como foi apontado. E muito embora indígenas integrem conjuntos de materialidades e imaterialidades históricas brasileiras, além de representarem uma humanidade imemorial em níveis étnicos, eles ainda tendem a ser configurados em espetáculos midiáticos, que fomentam situações pitorescas. Com isso, para além dessa controvérsia, autores indígenas buscam manter fidedignidades e divulgar ações em função do viés da literatura, sem estereótipos.

O Instituto abrange como missão, em suma, revelar à coletividade brasileira a sociocultura indígena, agregando valores sociais e morais a saberes étnicos. Causa defendida é também a relação mercadológica com produtos de origem ameríndia, que são, em determinadas circunstâncias, concebidos como produtos de subcultura e valor monetário rebaixado ante a macroeconomia (Paiva et al., 2019). Em contraposição ao cenário, a cristalização de um mercado justo, pautado segundo disseminação por meio de escrituras indígenas que impulsionam a literatura, fomenta a necessidade intrínseca de transmissão de saberes. O Instituto Wewa'a, ao se preocupar com impactos referentes à formação sociocultural abordada nas produções, incentiva a um só tempo letramentos sobre a região amazônica e sobre a história brasileira pré-conquista.

Por conseguinte, ao se elencar a etnomidialogia como ferramenta para identificar subscrições correlacionadas a povos étnicos em processo de adequação a formas de comunicação atuais, são destacadas informações para um melhor diálogo com a sociedade não indígena. Nesse contexto, a conexão com novas tecnologias está pareada a formas de inserção no campo midiático que ousaram em apostar, ao se apropriarem de viés literário e criarem modos próprios de construir obras baseadas em conjuntos singulares de histórias. Então, para a efetiva inserção de povos indígenas na mídia sem a descaracterização sociocultural apoia-se o pressuposto da vertente etnomidialógica, que fortalece ideologias de divulgação e exposição de indígenas por veículos de comunicação de massa sem rotulá-los.

#### **4. Conclusão**

A inserção dos povos étnicos no contexto social comunicacional via literatura fomenta o reconhecimento democrático de indígenas amazônicos, os quais vêm conquistando espaço para divulgar sua identidade e seus saberes e fazeres via estratégias de etnomidialogia. O viés literário atualmente é uma forma aceita pela sociedade para a integração de ameríndios em espaços não indígenas e principalmente midiáticos. Portanto, utilizar-se do propósito para disseminar conhecimentos, por meio das obras e da divulgação delas para comunidades amazônicas, e almejar transformações de porte sociocultural é uma

atitude positiva. Indígenas, nesse sentido, inscrevem-se na sociedade urbana a partir de acervo propriamente composto, retratando a realidade factual conforme construções de mundo e de pessoa, amparados em ancestralidade e uniões de parentesco, além de demais questões nativas.

A inserção de indígenas em meios não indígenas a partir da literatura, de modo estrito, nem sempre atenderá ao escopo da ação etnomialógica, de disseminação cultural, de interação com o outro. Poderá haver ambiguidade teórica nesse sentido, mas a conclusão do estudo em tela aponta que, sendo a literatura gatilho amplamente objetivo e positivo para se propagar ideias nativas, esse segmento, sim, atinge, estrategicamente, pressupostos da etnomialogia. A divulgação massiva de trabalhos literários via redes sociais, publicidades de web e sites próprios, não deixa dúvidas de que a ideia da etnomialogia vem sendo utilizada por integrantes do Instituto Wewa'a.

No que se refere à apresentação de indígenas em face ao contexto social amazônico, segundo o Instituto Wewa'a, compreendeu-se que povos pré-colombianos precisam apresentar, hoje, a sua realidade sem o viés da espetacularização, por meio da literatura, dando valor a elementos de tradição e cosmologia para desenvolver produções sobre o contexto social de suas etnias, recompondo características que expressam identidades indígenas e contrapondo modelos interpretativos de caráter universal.

Acerca da construção de mundo a partir de obra do Instituto Wewa'a, notou-se que formações de parentesco e concepções ancestrais perpassadas a gerações influenciam fortemente na literatura indígena. Percebeu-se, ainda, que nos escritos a relevância atribuída a um ser mítico, que se acredita ser um pai/guia, orientador de uniões clânicas, segue uma linha de formação intelectual histórica. A cosmologia, desta feita, tem sido o principal aspecto orientador do modo de vida indígena e conseqüentemente também das narrativas.

Notou-se que a comunicação utilizada por membros do Instituto Wewa'a para se inserir no âmbito urbano parece ser amparada em redes sociais e canais de comunicação de fácil acesso e baixo custo, o que engendra positivities a autores. As informações são compartilhadas em segundos e acessadas pelo público em geral, o que democratiza atividades comunicacionais. Desse modo, o Instituto dá vazão a produções e dissemina concepções agregadas à valorização sociocultural.

Sobre a inserção de indígenas do Instituto Wewa'a no meio midiático, concluiu-se ser esse um dos principais objetivos dos membros da organização justamente porque visam inserir suas obras no meio social e despertar reflexões em leitores acerca da realidade ameríndia. Tanto porque, cabe afirmar, escritores do Wewa'a encontraram na literatura e nas estratégias etnomialógicas meios para se inserir na mídia e transmutar a realidade, concorrendo para a formação de uma nova geração de leitores e leitoras.

Por fim, destaca-se que, no futuro, pode ser interessante projetar estudos sobre como se deu a trajetória de escritores indígenas nos últimos dois anos de pandemia. O viés tenderia a ocorrer inserindo-se a variável "covid-19" ao cenário das produções literárias, tendo em vista se perceber como o vírus afetou o trabalho de divulgação da literatura ameríndia, inclusive com levantamentos sobre adoecimentos e mortes de escritores e escritoras ameríndios, que deixaram de apresentar obras em razão do espalhamento do SARS-CoV-2 na Amazônia.

## Referências

- Albuquerque, R., Vasconcelos, F. F. & Busarello, F. R. (2021). De l'oralité au récit: le cas du livre sacré des indigènes Sateré-Mawé, en Amazonie. *InTexto*, 1, 109699.
- Albuquerque, R. (2020). Indígenas Sateré-Mawé/AM e Hixkaryana/AM em sofrimento mental e ético-político. *Revista Internacional Interdisciplinar InterThesis*, 17, 01-17. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e70094>.
- Albuquerque, R., Sawaia, B. B., Busarello, F. R. & Purin, G. (2020b). A comunicação estratégica e histórica dos Sateré-Mawé/AM no enfrentamento à covid-19 na Amazônia Central. *Comunicação & Inovação* (ONLINE), 21, 99-115.
- Albuquerque, R. & Busarello, F. R. (2019). Sofrimento ético-político de indígenas Sateré-Mawé e Hixkaryana que migram de suas aldeias. *Psicologia em Revista*, 25(2), 838-856.

- Almeida, A. W. (org.). (2008). Indígenas nas cidades de Manaus, Manaquiri e Irandubá: processos de territorialidade dos Sateré-Mawé. *Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*. Fascículo 23. Manaus.
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Borges, M. L. Revisão técnica de Kuschner, K. Jorge Zahar Ed.
- Carvalho Júnior, A. D. de C. (2011). Tapuia – a invenção do índio da Amazônia nos relatos da viagem filosófica (1783-1792). In: Carvalho Júnior, A. D. de C. e Noronha, N. M. (orgs.) *A Amazônia dos viajantes: história e ciência*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.
- Dijk, T. (2005). *Discurso, notícia e ideologia: estudos da análise do discurso*. Ed. Campo das Letras.
- Ferreira, R. A. (2012). A etnomídia e a interface com o politicamente correto. SP: *Extraprensa* (USP) - Ano IV- n° 10 C julho.
- Ferreira, R. A. (2015) A formação do jornalista na abordagem dos fenômenos da diversidade e dos grupos minorizados: Uma perspectiva didático-pedagógica da educomunicação e etnomídia. SP: *Extraprensa* Edição Especial.
- Langdon, J. E. (1996). Introdução: xamanismo, velhas e novas perspectivas. In: Langdon, J. E. (org.) *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Ed. UFSC, 113-134.
- Lima, T. S. (2005). *Um peixe olhou para mim*. Unesp.
- Paiva, E., Junqueira, C., Albuquerque, R. & Ferreira, G. A. (2019). O tapape do diabo e outros instrumentais da predação. Alexa Cultural: EDUA: Manaus.
- Pérez-Gil, L. (2001). O sistema médico Yawanáwa e seus especialistas: cura, poder e iniciação xamânica. *Cad. Saúde Pública*, 17(2), 333-344.
- Rodrigues, R. A., Trindade, D. & Bittencourt, M. (2016). Trabalhadores na produção da essência de pau-rosa na Amazônia. *Revista Novos Cadernos NAEA*, 19, 173-191.
- Sousa, R. X., Herrera, H. G. & Albuquerque, R. (2019). Cuestiones indígenas Sateré-Mawé (AM) a partir de una mirada folkcomunicacional. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 17, 13-29.
- Santos, R. S., Albuquerque, R. & Herrera, H. G. (2019b). El libro indígena Puratig, el remo sagrado y sus narrativas folkcomunicacionales. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 17, 65-81.
- Sateré, J. & Albuquerque, R. (2020). A que normalidade voltaremos se a ameaça da covid-19 ainda cerca a Terra Indígena Andirá-Marau? In Albuquerque, R. & Ferreira, G. *Quarentenas Amazônicas*. 5 (Orgs.). Alexa Cultural: Embu das Artes/SP, EDUA: Manaus/AM.
- Sateré, J., Albuquerque, R. & Junqueira, C. (2020). *Kapi: uma liderança clânica e afim*. Ed: Alexa Cultural - Embu das Artes/SP e EDUA - Manaus/AM.
- Sateré, J. (2020). Abril Indígena no combate ao vírus: uma leitura Sateré-Mawé (clã sateré/ut) e sua resistência Tupi. In Sawaia, B., Albuquerque, R., Busarello, F. R. & Berezoschi, J. (Orgs.). *Expressões da Pandemia – Fase 1*. Ed: Alexa Cultural.
- Sawaia, B. B., Albuquerque, R. & Busarello, F. R. (2020). O paradoxo do isolamento na pandemia segundo o povo indígena Sateré-Mawé/AM. *Psicologia & Sociedade* (online), 32, 35.
- Stengers, I. (2010). *Cosmopolitics I*. University of Minnesota Press: Minneapolis.
- Stengers, I. (2011). *Cosmopolitics II*. University of Minnesota Press: Minneapolis.
- Strathern, M. (2013). *Fora de Contexto: as ficções persuasivas da Antropologia*. Terceiro Nome.
- Oliveira, C. M. de & Batista, M. C. (2021). A relação da literatura com a astronomia a partir da análise de uma imagem do conto “O nosso sistema solar” de Monteiro Lobato. *Research, Society and Development*, 10(16), e60101623150, 10.33448/rsd-v10i16.23150. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23150>.
- Vilaça, A. (2000). O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, 15(44). [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092000000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000300003&lng=pt&nrm=iso).
- Viveiros de Castro, E. (1993). Alguns aspectos da afinidade no dravidiano amazônico. In: E. B. Viveiros de Castro & M. M. Carneiro da Cunha (orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. Núcleo Hist. Indígena/ USP. 150-210.
- Viveiros de Castro, E. (2002). *Xamanismo e sacrifício*. In *A inconstância da alma selvagem*. (pp. 457-472). Cosac & Naify.